

Livro:

Memória, cidade, cultura.

Organização e introdução de Cléia Schiavo Weyrauch e Jaime Zettel

Coordenação: Cléia Schiavo Weyrauch*

Problemas da cidade contemporânea como o da globalização do terrorismo, dos fluxos de informação da degradação da malha urbana, da relação entre tradição e modernidade, etc. levantam questões que anunciam novas formas de pensar a cidade. Na prática, cada contexto histórico fornece os temas tópicos, a partir dos quais se formulam teorias e propostas de ação que tem por objetivo interpretar, explicar e intervir sobre os fenômenos urbanos.

Historicamente a cidade tem sido pensada através da filosofia, da história, da política, da estética, da ecologia, da geografia, da economia, etc. Do vetor da separação de logos e *physis*, do ponto de vista da cidadania, da perspectiva da natureza do espaço, do endividamento social e da espoliação urbana, da intervenção nas cidades (do urbanismo) e sobretudo da perspectiva da crise das cidades.

A Linha Memória, Cidade e Cultura, do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro organizou em agosto de 1994 o Fórum Memória, Cidade e Cultura do qual participaram alguns dos nomes mais representativos do pensamento cultural brasileiro. Esta resenha - de um livro a ser brevemente editado - tratará das questões veiculadas em três das seis mesas-redonda organizadas pela equipe, arquitetos, sociólogos e historiadores

Durante três dias arquitetos, sociólogos e historiadores debateram a questão urbana através da análise sócio-urbanística de algumas cidades do Rio de Janeiro enfatizando suas crises e procurando alternativas de ação. Berlim aparece no Fórum como uma referência necessária: saída de uma experiência de guerra reconstruiu-se dividida e, agora, na década de 1990 busca sua unidade após a queda do muro de Berlim.

Na mesa de abertura Sérgio Paulo Rouanet e Bárbara Freitag Rouanet debateram a cidade, tanto da perspectiva do Iluminismo quanto da memória e do futuro político da recém unificada cidade de Berlim.

Segundo Rouanet, a crise urbana contemporânea impõe a retomada do ideal iluminista de cidade. Para ele, Iluminismo diz de utopia e de autonomia cujo significado é "político econômico e cultural".

* Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Encyclopédie de Diderot ed'Alembert a procura de uma definição de cidade. Diz ele: "o verbete permite chegar aos fundamentos invisíveis sobre os quais se erige a reflexão urbanística, ou seja, as relações tensas entre as seguintes polaridades: abertura/clausura, individual/coletivo, estético/utilitário e a relação entre o novo e o antigo". Rouanet afina seu pensamento para gerir suas reflexões nos limites dessas polaridades. Para ele são essas tensões elementares que devem inspirar criticamente o urbanista e levá-lo a encontrar "o equilíbrio possível entre os opostos no sentido de superar o mal/estar decorrente dessas tensões". O homem que pensa a cidade, seja ele urbanista e/ou cientista em geral, deve transformar esse mal/estar em força motriz, em força crítica capaz de conciliar o ideal iluminista de cidade com os problemas vividos pela cidade objetiva e real "na qual o urbanista deve intervir".

Para ele não se trata de optar por um pólo em detrimento do seu contrário, mas de defendê-los, simultaneamente enquanto contrários, propugnando com igual força e ao mesmo tempo, os valores da abertura e da clausura, do individual e do coletivo, do estético e do utilitário, do novo e da tradição. É preciso fundar os princípios diretores na própria existência da contradição criando, assim normas reguladoras do viver urbano. Defendendo sua utopia, Rouanet finaliza sua palestra dizendo que uma cidade deve ser socialmente aberta e hospitaleira ao outro, marcada por uma fronteira entre a vida urbana e a natureza. Também atenta aos interesses coletivos e se mostra intolerante com a miséria e com a exploração social. Funcional no sentido de estar a serviço das necessidades qualitativas do homem inclusive a beleza. Quanto à última polaridade prega a abertura ao novo sem fetichizá-lo e, sem que, com isso a História seja liquidada.

Ao contrário de Rouanet, Bárbara Freitag fala do urbano voltada para as questões específicas de uma cidade afetada por transformações radicais. Fala de Berlim pela via de sua memória literária e salta seus olhos para o futuro político dessa cidade a partir de textos literários referenciais. Vai a literatura em busca de uma fala historiográfica. Para ela, "a vida e a cultura de uma cidade são cristalizadas em toda a sua vivacidade e riqueza nas obras literárias e os bons romances conseguem abordar os diferentes planos da vida subjetiva e objetiva além de reproduzir intuições e descrever cenários". Além disso, resumem fatos e detêm-se em detalhes, assim criando tramas e recriando ambientes. Na defesa de sua escolha afirma que os bons romances fazem a radiografia da sociedade e a psicanálise de seus personagens, resgatando diferentes momentos históricos preservados em sua unicidade e singularidade.

Em busca de Berlim segue os passos dos personagens de Theodor Fontane, (1819-1898) Alfred Döblin (1878-57) e Irina Liebmann (1843-). E, em busca

do crime da história descobre a Berlim dividida na mentalidade da população da cidade. Para Bárbara, Berlim sempre foi uma cidade dual, cindida, estruturada em duas, sua gênese já o mostra. Os três autores utilizados revelam a Berlim da unificação alemã, da República de Weimar e Berlim nos entornos da queda do muro.

Bárbara lê a cidade de seu afeto pelo movimento de seus personagens. Jenny Treibel o personagem *nouveau riche* de Fontane circula pelos bairros aristocráticos tradicionais do Império Prussiano ou, nos bairros industriais "bairros que naquela época e até hoje pertencem à Berlim Ocidental. Já, o personagem Franz Biberkopf -- no contexto da República de Weimar -- circula em cenários pouco aristocráticos, em uma área da cidade reservada aos semi e desempregados nos entornos da Berlim Oriental, de onde os intelectuais se evadem. De Berlim ocidental, dos *Romanisches Kafee* discutem a miséria social da Berlim Oriental. Biberkopf, personagem do romance de Doblin, estabelece um paralelo entre a indústria da morte do gado, na *Eldenauer Strasse*, com a indústria da morte do homem moderno. Já Irina Liebmann cresce em Berlim Oriental, capital do Estado dos Trabalhadores e Camponeses. Suas angústias e seu desejo de liberdade a levam para Berlim ocidental, de onde, pouco depois, retorna à parte oriental, já pós-queda do Muro de Berlim.

Historicamente Theodor Fontane retrata a Alemanha Guilhermina, Doblin o período da República de Weimar e Irina Liebmann o período anterior e posterior à queda do muro de Berlim.

Preocupada com o futuro dessa cidade Bárbara Freitag pede auxílio não só aos textos dos três autores, mas também as reflexões de Nicolau Sombart que identifica Berlim a Tróia. Tenta pensar o futuro da cidade a partir da esquizofrenia de Berlim que com a queda do muro debate-se em busca a sua unidade. Vasculha o texto de Fontane e descobre que para o mais conservador dos três autores -- o futuro de Berlim estaria na inovação da sociedade alemã somente possível a partir dos movimentos da classe operária. Biberkopf, o personagem central de Doblin é cético quanto a "reação histórica" da classe operária. Quanto à Irina Liebmann se põe disponível ao tempo de abertura.

De Sombart extrai o argumento de que como Tróia, Berlim emergirá sobre os escombros da cidade anterior, uma cidade nova que romperá totalmente com a memória e a tradição das cidades anteriores. Talvez, superando sua dualidade genética.

A segunda mesa do Fórum integrada por Afonso Carlos Marques dos Santos, Evelyn Furquim e Sônia Gomes Pereira teve como tema a cidade do Rio de Janeiro com suas permanências e mudanças. De início, Afonso associa o arrasamento da cidade do Rio de Janeiro pela lógica urbanística do

capitalismo com o arrasamento de Berlim pelos bombardeios da segunda guerra mundial. Cita, como exemplo o crime realizado no parque proletário da Gávea quando da abertura da estrada lagoa/Barra e apela para Argan dizendo que a destruição da cidade é a destruição da História.

O tema da arquiteta Evelyn Furquim é o da mudança e das permanências da cidade sob a ótica da destruição urbana e da construção da Avenida Presidente Vargas. Ao referir-se às grandes transformações urbanas -- as reformas urbanas -- assinala seu caráter mais simbólico do que funcional. A propósito da Avenida Presidente Vargas, registra o dilema entre a necessidade da abertura da avenida e a destruição de monumentos únicos para a memória da cidade. Nesse registro cita a destruição das igrejas de São Pedro dos Clérigos, Bom Jesus do Calvário e a de São Domingos.

De um modo geral, as críticas de Evelyn denunciam as sucessivas e dramáticas cirurgias urbanas e ao falar de preservação diz da impossibilidade de parar o tempo, mas da necessidade de intervir no urbano com sensibilidade.

Sônia Gomes Pereira acrescenta um novo viés à questão em debate, ou seja o da qualidade da intervenção urbana. Para ela, o modelo de Haussmann é característico do século XIX -- apoiado ainda na tradição urbanística européia. Para ela, esse modelo confirma a dimensão erótica da cidade, como o lugar do encontro. Critica o modelo utilizado após a primeira guerra mundial -- o funcionalista -- desqualificador da história, e por consequência do simbólico. Brasília é a expressão desse modelo, que rompe com a tradição, que julgada abominável e cujo destino é ser eliminada. Sônia afirma que a reforma de Pereira Passos trabalha com o modelo do século XIX e por isso o modelo implantado conseguiu arregimentar pessoas e sentimentos.

O tema do planejamento urbano retorna na terceira mesa com Ítalo Campofiorito e Gustavo Peixoto debatendo o planejamento da cidade em sua relação essencial com o patrimônio cultural urbano. Ítalo rejeita a impotência do urbanista diante de um termo/conceito megacidade/megalópolis, para ele apelidos que expressam uma impossibilidade de ação. Sua proposta é compatibilizar a utilização das técnicas típicas do urbanismo -- fecundas em tempos de sociedade de massa -- com aquelas que tratam da preservação dos valores históricos. Em defesa de sua posição atual Ítalo diz da cidade real depois de percorrer, através de sua própria experiência de vida, sua relação afetiva com algumas matrizes eidéticas do urbanismo. Voltando atrás no tempo diz de seu primeiro dilema: entre as propostas racionalistas -- ou modernistas e as idealistas românticas escolheu Brasília como uma solução ao seu tempo. Para ele, essa cidade ousou definir uma compatibilidade entre

natural e artificial entre campo e cidade, sem entretanto ter constituído um centro. Em um dado espaço tempo Brasília constituiu uma alternativa entre a utopia do futuro agora (do racionalismo) e a nostalgia de um passado que não pode mais voltar (do idealismo romântico).

O tempo das "megacidades" destaca a cidade real, as cidades de agora: Los Angeles, Rio, Londres, Calcutá, Paracambi. E, foi a partir desse princípio que atuou em Paracambi e no corredor cultural do Rio de Janeiro. A cidade real pressupõe uma filosofia de uso e coloca em pauta a idéia de reabilitação da cidade em referência às suas marcas históricas.

Gustavo Peixoto concentra-se na cidade de Niterói. Inspirado na palestra de Bárbara Freitag identifica a Baía de Guanabara ao muro de Berlim, uma baía muro ao mesmo tempo domínio e limite, ou melhor limite de um domínio. diz que o muro da cidade é o seu limite territorial, mas é o mesmo tempo, seu limite no tempo, isto é sua razão e forma de existência no tempo. Enfatiza a força simbólica de Niterói -- antes da ponte-- lugar do índio guerreiro Araribóia e de um muro natural baía. Embora registre a elevação de Niterói à categoria de cidade, volta-se para a Niterói arrabalde da cidade Rio capital. A baía, a barca são ingredientes protetores de uma possível invasão dos chegantes. Muro protetor a baía contribui para a construção da identidade do lugar marcando um tempo de fortalecimento da presença do índio no imaginário urbano da cidade. Gustavo brinca com as polaridades e ambigüidades existentes entre Rio e Niterói. Em um dado momento o muro/baía torna-se útero de ambas as cidades, em outro um divisor de histórias cosmopolitas. Inspirado em Fagundes Varela fala de Niterói cidade dos bordéis e catedrais. Rastreado o tempo volta-se para os anos 1970 que falam de uma ruptura radical: a ponte, a transferência para Brasília, a fusão e o esvaziamento político de Niterói diante da confirmação do Rio como a capital do novo Estado. Nessa época, Niterói se abre aos conflitos da área metropolitana do Rio de Janeiro. Passa a subúrbio, fragiliza-se em sua identidade e por isso reage à invasão. Esse acontecimento põe, para a cidade, um dilema: isolar-se ou discutir o levantamento de outros muros/identidade. Essa reflexão o faz pensar em Argan e, a partir daí pensa a cidade da perspectiva de um sistema de comunicação urbana. Esquece o muro/baía e vê no diálogo tradição modernidade a possibilidade de conciliar a nova realidade urbana com o imaginário da cidade murada e do índio guerreiro. Na prática, Gustavo quer salvar a cidade dos destroços da invasão e, nesse sentido aponta para a reconstrução da cidade objetiva referendada pelo seu imaginário mitológico.

Quando fala da recuperação da cidade diz tanto da preservação ambiental dos bairros históricos quanto de uma ação urbanística voltada para ação

sobre os problemas concretos da cidade. Assim pensando defende a construção do Museu de Arte Contemporânea, da construção da Estação Livre e da recuperação do teatro Municipal João Caetano.

Nas três mesas selecionadas por este trabalho a cidade é apresentada como o lugar da cultura, da História, lugar por excelência do encontro entre passado, presente e futuro. E' a partir dela que o cientista deve decifrar as armadilhas de experiências humanas com todas as imbricações que essas experiências comportam.

Nesse registro, Rouanet comparou as afinidades existentes entre Berlim e o Rio de Janeiro, cidades marcadas mais pela desidentidade do que pelo seu contrário. Ao destacar o Iluminismo como concepção de mundo -- no qual o futuro é vinculado ao presente -- fala da possibilidade da realização da utopia democrática, relevante para o presente de sofrimento resultantes dos descaminhos da modernidade. Vê o iluminismo como uma concepção transepocal, como uma idéia-força capaz de mover resistências sociais conservadoras.

Rouanet não pretende falar de modelos, mas de energias forjadoras de princípios diretores capazes de produzir normas de ação e intervenção nas cidades.

Bárbara retira do texto literário a historiografia inconsciente da Berlim socialmente dividida e, a partir da experiência dos três autores tenta prever seu futuro. Sabe, que ao contrário da concepção iluminista de cidade -- ponderada na concepção de Rouanet -- Berlim foi marcada por situações extremas.

Afonso denuncia os crimes sociais contra a cidade rosto do Brasil, segundo ele plena de lugares de memória nacional. Vai a Lévi Strauss e dele retira a idéia do envelhecimento precoce das cidades tropicais. Evelyn, apesar de apontar para os crimes cirúrgicos urbanos, retoma a euforia com a resistência expressa na Carta de Veneza (1964), nas recomendações do Congresso de Nairobi e na deliberação da Constituição Federal de 1988 que exige o desenvolvimento de Planos Diretores nas cidades com mais de 20.000 habitantes. Clama por um trabalho interdisciplinar no meio urbano e apela para o respeito aos valores afetivos e antropológicos da cidade.

A fala de Sônia pede por intervenções que respeitem o potencial erótico do espaço urbano, concentrado em suas ruas e praças.

De fato as diferenças entre as falas emitidas no encontro, são mínimas diante das suas convergências. Todas acreditam na vitalidade da cidade viva, plena de simbolismo, a cidade real -- como diria Argan. (citado pelos três arquitetos presentes). Sendo real ignora-se como invólucro inócuo e passa à situação de obra de arte "que no correr de sua existência, sofre modificações,

Resenha

alterações, acréscimos, diminuições, deformações, às vezes verdadeiras crises desestruturativas. (Argan, 19:73).

A idéia de um urbanismo culturalista de Ítalo Campofiorito, a fala visceral de Gustavo Peixoto endossam a mensagem de Argan. E' preciso unir a técnica ao mundo simbólico. "As técnicas que concorrem para visualizar os diferentes ritmos existenciais da cidade", da sua dimensão racional à erótica.

E' preciso ver a megacidade como um desafio e não como um desapontamento. Exigir que, na cidade, a técnica seja um dos pólos do diálogo e que no outro estejam o Araribóia índio de Gustavo Peixoto ou os personagens literários de Bárbara Freitag.